



Jornalismo Ambiental: a sua história e conceito no contexto social¹

Macri Elaine Colombo²

Universidade Federal do Amazonas, Manaus, AM

RESUMO

O artigo busca contribuir para a reflexão de uma nova postura dos órgãos midiáticos e dos jornalistas frente à temática jornalismo ambiental considerada secundária quando se trata em divulgar meio ambiente de maneira preventiva. Entendemos ser importante salientar os aspectos históricos, para podermos conceituá-la e compreender a importância do tema em foco. Diante deste contexto ressaltamos a função do jornalista e a sua responsabilidade social de transmitir a informação e/ou conhecimento à população. O caminho metodológico utilizado no presente trabalho constitui-se do método comparativo e de pesquisas bibliográficas, cujos resultados obtidos refletem a importância pelo tema.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo ambiental; mídia; história.

¹ Trabalho apresentado na Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Caxias do Sul, RS 2-6 de setembro de 2010

² Mestranda do Curso de Jornalismo do PPGCCOM - UFAM, email: macricolombo@hotmail.com



1 INTRODUÇÃO

Esse artigo fundamenta-se na pesquisa envolvendo o tema Jornalismo Ambiental também chamado de Ecojornalismo e a responsabilidade dos comunicólogos que divulgam sobre o tema meio ambiente e que diretamente ou não “educam” seu público. Para isto, se faz necessário estudar o contexto histórico do nosso planeta, mais especificamente após a Segunda Guerra Mundial, devido os problemas ibéricos e econômicos que estão envolvidos com a era da Globalização. Assim poderemos compreender a história do jornalismo ambiental e da mídia e a responsabilidade que tem um jornalista em publicar sobre esta temática.

Abordamos dentro desta pesquisa também o enfoque do conceito do jornalismo ambiental, para Bueno (2007) este jornalismo passa por um processo de amadurecimento. Consequentemente veremos os problemas que os jornalistas enfrentam ao coletar e editar um texto com discurso ambiental.

Devido a esses fatores, o artigo contempla como objetivo geral, verificar a importância jornalismo ambiental para a sociedade e a responsabilidade dos comunicólogos em divulgar este tema. Como objetivos específicos visam estudar a história e conceituar o papel do jornalismo ambiental no cotidiano das pessoas.

Para a referida pesquisa é necessário o auxílio da pesquisa bibliográfica, além do uso dos métodos comparativo para que seja possível a constatação ou não da hipótese levantada.

2 HISTÓRIA DO JORNALISMO AMBIENTAL

A *Conferência sobre a Biosfera* que aconteceu em Paris organizada pela UNESCO em 1968, foi a primeira reunião intergovernamental a tentar reconciliar a conservação e o uso dos recursos naturais, o que chamamos hoje de sustentabilidade. Na mesma ocasião e no mesmo país surgiu a primeira entidade de jornalismo ambiental.

Logo após esta Conferência foi realizado os relatórios do *Clube de Roma*. O objetivo do grupo era dialogar e analisar o crescente aumento econômico devido aos recursos naturais utilizados pelas empresas industriais.



O clube também divulgou em 1972, o relatório *Os Limites do Crescimento*, onde foi lançado um debate mundial, sobre o questionamento do futuro de toda humanidade.

As principais conclusões do grupo foram relacionadas aos problemas da humanidade com a industrialização acelerada, o rápido crescimento demográfico, a escassez de alimentos, o esgotamento de recursos não-renováveis e a deterioração do meio ambiente.

Após 30 anos do lançamento de seu principal documento – *Os Limites ao Crescimento*, o grupo divulgou em 2002, o documento *Sem Limites ao Conhecimento, mas com Limites à Pobreza: Rumo a uma Sociedade do Conhecimento Sustentável*.

A idéia de que o desenvolvimento econômico e o meio ambiente devem estar juntos, fez surgir várias organizações e eventos internacionais para tratar do assunto até o momento.

Assim aconteceu em 1972, a chamada de *Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente* realizado em Estocolmo de 5 a 16 de junho deste ano, onde saiu a *Declaração de Estocolmo Sobre o Meio Ambiente Humano* a qual dizia da “necessidade de um critério e princípios comuns que ofereçam aos povos do mundo inspiração e guia para preservar e melhorar o meio ambiente humano” (ANTONIO, 2008).

Da *Conferência de Estocolmo* resultou um documento que continha 26 princípios sobre a preservação do meio ambiente.

O princípio 14 da legislação o planejamento racional constitui um instrumento indispensável para conciliar as diferenças que possam surgir entre as exigências do desenvolvimento e a necessidade de proteger e melhorar o meio ambiente (ANTONIO, 2008).

A partir daí surgiram diversas instituições e grupos com o mote de defesa do meio ambiente, países europeus como: França, Alemanha, Dinamarca, Noruega entre outros, estabeleceram novas regras nas legislações ambientais.

Já no começo dos anos 80, a ONU (Organização das Nações Unidas) convocou a *Comissão Mundial para Assuntos do Meio Ambiente e Desenvolvimento (CMMAD)* motivando a elaboração de um relatório sobre a qualidade do meio ambiente de abrangência mundial. Este é chamado de *Relatório Nosso Futuro Comum*, também conhecido como *Relatório Brundtland* que definiu em 1987 o conceito de desenvolvimento sustentável como aquele que “atende às necessidades das gerações atuais sem comprometer a capacidade de as futuras gerações terem suas próprias



necessidades atendidas.” Portanto, cada vez mais se tem consciência da necessidade de se buscar maneiras de preservar os recursos ambientais, assim como formas alternativas de desenvolvimento com preservação ambiental, principalmente após a Segunda Guerra Mundial (CMMAD, 1988, p. 78).

Entre as propostas encontram-se a limitação do crescimento populacional; garantia de recursos básicos (água, alimentos, energia) a longo prazo; preservação da biodiversidade e dos ecossistemas; diminuição do consumo de energia e desenvolvimento de tecnologias com uso de fontes energéticas renováveis; aumento da produção industrial nos países não-industrializados com base em tecnologias ecologicamente adaptadas; controle da urbanização desordenada e integração entre campo e cidades menores; atendimento das necessidades básicas (saúde, escola, moradia) entre outros.

Em junho de 1992 a *Conferência Geral das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento* ou conhecida como *ECO-92* ou *Cúpula* ou Cimeira da Terra realizada na cidade do Rio de Janeiro nos dias 13 a 14 de junho deste ano, marcou história no âmbito das questões ambientais. Diz:

[...] reafirmando declaração da Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano, aprovada em Estocolmo nela se baseando. Com o objetivo de estabelecer uma aliança mundial nova equitativa mediante a criação de novos níveis de cooperação entre estados; setores-chaves da sociedade e as pessoas. Procurando alcançar acordos internacionais em que se respeitem os interesses de todos e se proteja integridade do sistema ambiental e de desenvolvimento mundial, reconhecendo natureza integral e interdependente da terra e nossas moradas (ANTONIO, 2008).

Vieira (apud ALMEIDA JUNIOR; AMARAL, 2008) comenta que mais uma vez autoridades de vários países avaliaram impactos e agressões ambientais, o que fez surgir propostas de acordos internacionais para a recuperação, preservação e defesa do ecossistema.

Essa conferência resultou em dois importantes documentos: *Carta da Terra (Declaração do Rio)* e a *Agenda 21*.

A carta envolve questões éticas perante a sociedade tais como: integridade ecológica, justiça social e econômica e democracia, não-violência e paz para obter uma sustentabilidade.



Já a *Agenda 21* possui 40 capítulos e trata de dimensões econômicas e sociais entre eles – a busca de uma política internacional que possa ajudar no desenvolvimento sustentável nos países em desenvolvimento. Também apresenta os diferentes enfoques para a proteção da atmosfera e para a viabilização da transição energética.

Dez anos após a reunião do Rio de Janeiro, a *Cúpula Mundial das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável* realizou a *Conferência em Johannesburgo*. Nesse evento o conceito de desenvolvimento sustentável passou a integrar o crescimento econômico, o desenvolvimento social e a proteção do meio ambiente em suas pautas. Os principais assuntos abordados foram: recursos hídricos, energia, saúde, agricultura e biodiversidade.

3 JORNALISMO AMBIENTAL NO BRASIL

Na mesma ocasião da *Conferência da Biosfera* na França e no mesmo país, surgiu a primeira entidade de jornalismo ambiental. No mesmo ano surge também o primeiro jornalista brasileiro especialista em meio ambiente, Randau Marques que ficou conhecido como repórter da Operação Bandeirante - centro de informações, investigações e de torturas de combate às organizações armadas da esquerda.

Randau foi preso por escrever em um jornal do interior de São Paulo-Franca, reportagens sobre os agrotóxicos que vinham dos produtos químicos das empresas de sapatos, responsáveis pela mortandade de peixes e pela intoxicação de agricultores.

Vilar (1997) conta que Randau quando trabalhava no diário do Grupo Estado cobriu na capital gaúcha a primeira polêmica ambiental envolvendo uma grande indústria. O fato aconteceu na década de 70, quando a fábrica de celulose Borregaard ficou fechada do dia 6 de dezembro de 1973 até 14 de março de 1974, o que atraiu a atenção de jornalistas de outros Estados e do exterior. A indústria, hoje é chamada de Riocell.

O protesto do estudante universitário Carlos Dayrel sentado horas numa acácia, em 1975, contra a construção de um viaduto no lugar da árvore comoveu a imprensa “presa” pela ditadura.

Mas jornalismo ambiental no Brasil como no exterior começou a despertar para este tema a partir de meados dos anos 80, devido a descoberta do buraco na camada de



ozônio e as primeiras preocupações sobre o impacto das atividades humanas no aumento do aquecimento global.

Em agosto de 1989, foi realizado em São Paulo o *Seminário A Imprensa e o Planeta*, promovido pela Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão e pela Associação Nacional de Jornais. Três meses depois, aconteceu o encontro mais importante para o jornalismo ambiental brasileiro. A Federação Nacional dos Jornalistas realizou no final de novembro em Brasília, o *Seminário para Jornalistas sobre População e Meio Ambiente*. Participaram especialistas internacionais, como o francês François Terrason, especialista em planejamento ecológico e agricultura, a norte-americana Diane Lowrie, da *Global Tomorrow Coalition* entre outros, e especialistas brasileiros, como o repórter Randau Marques e o jornalista Fernando Gabeira (VILAR, 1997).

Dados do Núcleo de Ecojornalistas do Rio Grande do Sul (VILAR, 1997) relatam que a partir deste seminário, em 1989, formaram-se núcleos regionais de jornalismo ambiental em São Paulo, Minas Gerais, Paraná e Rio Grande do Sul, com o objetivo de criar uma entidade nacional de jornalismo ambiental. No entanto, sobrou apenas o grupo gaúcho.

4 A HISTÓRIA E O INTERESSE DA MÍDIA EM DIVULGAR

As primeiras coberturas específicas sobre o meio ambiente surgiram após a Segunda Guerra Mundial. No final desta guerra, onde os EUA a Grã Bretanha e a URSS conseguiram vencer o Eixo (Alemanha nazista a Itália fascista e o Japão).

Logo após sobraram apenas duas potências EUA e a União Soviética que no final das contas ficaram em lados opostos, o que mais tarde ocasionou a Guerra Fria. De um lado EUA que visava o capitalismo e o do outro socialismo soviético, ambos buscavam ampliar suas áreas de influência sem entrar em conflitos armados.

No decorrer da década 60, ainda os mesmos problemas relacionados sobre a Guerra Fria, haviam se instalado no Vietnã. Na Europa, a opinião pública tomava consciência de que o continente seria devastado na hipótese de um confronto nuclear.

Nota se que as mídias então começam a dar mais ênfase em divulgar sobre o meio ambiente. Os motivos são pelo fato dos problemas que a guerra ibérica causaram no meio ambiente afetando toda biosfera, o crescente movimento pacifista, e de



partidos políticos, como Partido Verde, mais especificamente nos anos 80, o que causa interesse na população de ficar interagida sobre os fatos atuais que envolvem seus cotidianos (ERBOLATO, 1978).

Outro interesse em divulgar sobre o meio ambiente se deu pelo fato de que depois da Segunda Guerra Mundial podemos dizer que tivemos o início da Globalização como sinônimo de capitalismo, onde o crescimento econômico visava um processo de utilização cada vez mais intensivo de capital, de redução do uso de mão de obra e de utilização extensiva dos recursos naturais.

Um fator interessante de que potências como EUA, percebem a importância de também possuir empresas de comunicação para expandir seus poderes econômicos, social, cultural e político. Um exemplo foi *O Repórter Esso*, uma síntese noticiosa radiofônica em média de cinco minutos, a primeira de caráter global que visava transmitir sua cultura americana.

Vilar (1997) nos anos 90 diz que o jornalismo ambiental sofreu ao divulgar o assunto ambiental em profundidade devido forte lobby no Congresso de Brasília para afrouxar a legislação ambiental, e são “forçados” a omitir certos fatos devido a pressão velada dos empresários.

5 CONCEITO DE JORNALISMO AMBIENTAL

Chama-se Jornalismo Ambiental a especialização que ela no contexto acadêmico e/ou de experiência da profissão jornalística, nos fatos relacionados ao meio ambiente, à ecologia, à fauna, à flora e a natureza, principalmente quando se trata em relatar sobre a sustentabilidade e da biodiversidade.

Para Bueno (2005) o jornalismo ambiental passa por um processo de amadurecimento. Acredita que o conceito deste jornalismo tem que ter seu próprio significado, nem que para isto necessite integrar com outros tipos de jornalismo especializado.

O jornalismo ambiental por um conceito, que extrapole e do jornalismo científico tradicional (comprometido com uma parcela significativa da comunidade científica que tem privilegiado a continuidade das suas pesquisas, sem contextualizar as suas



repercussões), que não se confunda, em nenhuma hipótese com o jornalismo econômico (impregnado pelo canto de sereia do modelo agroexportador, da revolução tecnológica a qualquer preço e da apologia das aplicações rentáveis do capital financeiro) e que não se apoie no jornalismo cultural, quase sempre tipicado pelo diálogo surdo das elites (BUENO, 2005)

Para entender o conceito de jornalismo que lida com a temática ambiental sugerimos falarmos do espaço para este tipo de divulgação. Sabemos que a maioria dos assuntos ambientais fica restrita às pautas de “ecotragédias”, por exemplo, a morte da missionária americana da Pastoral da Terra, Dorothy Stang no Pará e assuntos exóticos como o nascimento de animais que nascem com alterações genéticas como o caso do nascimento do gato com duas cabeças no Estado americano do Texas.

Em geral, os jornalistas precisam ter um papel ativo na busca de boas idéias para reportagens. Existe uma tendência de que a cobertura ambiental fique limitada a acidentes, como vazamentos de substâncias tóxicas, ou evento ‘preparados’ por grupos ambientalistas ou empresas (NELSON, 1994, p. 16).

E acrescenta:

Procure pautas sobre meio ambiente em outras editorias. O meio ambiente não é uma questão apenas científica ou política; ele afeta e é afetado por acontecimentos de muitas outras áreas. Por exemplo: como as empresas estão se adaptando à demanda por produtores ecologicamente corretos (NELSON, 1994, p. 38).

Segundo estudos da Cepal (Comissão Econômica para a América Latina) organismo vinculado à ONU de que a imprensa brasileira se preocupa em três ocasiões em relatar o meio ambiente: 1) catástrofes naturais e/ou acidentes graves que causam danos à natureza; 2) relatórios publicados por revistas estrangeiras com dados científicos sobre o aquecimento global; 3) no dia 3 de junho, data em que se comemora o Dia Mundial do Meio Ambiente, instituído pela ONU (IMPrensa, 2001, p.22-26).

De acordo com Ferreira (2009), a notícia sobre meio ambiente vende, não apenas por retratar sobre tragédias, mas pelo fato de hoje ser modismo em divulgar este tema.

Contudo, ressalta que os veículos de comunicação estão percebendo também o interesse das pessoas em ler sobre sustentabilidade, quer como obrigação ou consciência de viver harmonicamente com o meio ambiente, e por enxergaram a longo prazo que estão publicando com mais frequência sobre este tema.



Uma das justificativas enfocadas pela revista *Imprensa* é quando se trata de escrever sobre o meio ambiente. Os editores e repórteres entrevistados alegam a questão do ritmo acelerado das redações, dificuldade numa abordagem mais ampla dos temas ambientais para divulgar o assunto com uma linguagem simples, objetiva e concisa.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados obtidos na pesquisa demonstram o quanto se faz necessário compreender o contexto histórico em todos os ângulos, especificamente o social, econômico e político, para sabermos o quanto o passado é uma seqüência do que vivemos no presente e conseqüentemente do futuro.

Vimos isto ao estudar a Segunda Guerra Mundial, que é nada mais um problema mal resolvido da Primeira Guerra Mundial, o que levou para a situação que convivemos na globalização, sinônimo do sistema capitalista atual.

Podemos constatar que o homem vem esquecendo de que o meio ambiente é constituído de ecossistema, e este está unido por cadeias ecológicas, que estão sendo desestruturadas mediante a ação deste próprio homem.

Segundo Morin (2005), o meio ambiente sofre mutação, transformação, organização e desorganização para que se possa dar continuidade a vida, mas isto ocorre de maneira natural e com certo equilíbrio e não com o exagero, ao ponto de surgir problemas graves tais como: poluição, doenças, desigualdade social, etc.

Esta situação causou e despertou o interesse do ser humano em ter consciência, e responsabilidade de proteger a natureza e de conhecê-la, além de se informar sobre o assunto, o que fez unir forças para “lutar” de maneira pacífica contra empresários e indústrias que visam apenas utilizar o meio ambiente em seu benefício e esquecendo-se de usá-la de maneira que prevaleça a sustentabilidade. Isto também despertou a iniciativa dos veículos de comunicação e dos comunicólogos em fazer parte deste contexto, através de divulgação sobre esta temática.

Caminhos para publicar o assunto estão sendo trilhados quer de maneira errônea ou não. O certo é que o meio ambiente faz parte da nossa pauta cotidiana.



REFERÊNCIAS

ALMEIDA JUNIOR, Ramiro de Araújo; AMARAL Sergio Pinto. Identificação de soluções que atendam a legislação ambiental para o processo de descartes de sinalizador pirotécnico vencido e/ou danificados. **Organização & Estratégia**, v.4, n.1, p.91-106 jan./ abr. 2008.

ANTONIO, Adalberto Carim (org.) **Legislação Ambiental Brasileira**. da Vara Especializada em Meio Ambiente e Questões Agrárias (VEMAQA) 5 edição. Manaus: Legislação Ambiental, 2008.

BOAS, Sérgio Vilas. **Formação & Informação Ambiental**: Jornalismo para iniciados e Leigos. Sao Paulo: Summus, 2004

BUENO, Wilson da Costa. Comunicação, jornalismo e meio ambiente: teoria e pesquisa". São Paulo: Mojoara Editorial, 2007.

BURKETT, Warren. **Jornalismo Científico**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.

CAPRA, Fritjof. **A Teia da Vida**. São Paulo: Cultrix. 2006. Tradução: Newton Roberval Eichemberg.

COMISSAO MUNDIAL PARA ASSUNTOS DO MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO - CMMAD- Nosso Futuro Comum, Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 1988.

ERBOLATO, Márcio L. **Técnicas de Codificação em Jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 1978.

FERREIRA, João Bosco. Meio Ambiente. Manaus, 20 out. 2009. (Entrevista concedida à Macri Elaine Colombo, com requisito para a elaboração do artigo científico)

KLOETZEL, Kurt. **O que é Meio Ambiente**- Coleção: Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 2002.

LAGE, Nilson. **Linguagem jornalística**. São Paulo: Ática (Coleção: Série Princípios).

MORIN, Edgar. **Método 2: A vida da vida** . Porto Alegre: Edições Sulina, 2005.

NELSON, Peter. **10 Dicas Práticas para Reportagem sobre o Meio ambiente**. WWF-Brasil, 1994.



OLIVEIRA, Fabíola de. **Jornalismo Científico**. São Paulo: Contexto, 2002 (Coleção Comunicação).

SCHIRLEY, Luft. **Jornalismo, Meio Ambiente e Amazônia: os desmatamentos nos jornais. O Liberal do Pará e Crítica do Amazonas**, 1ed.SL: Annablume, 2005.

TRIGUEIRO, André. **Mundo Sustentável: abrindo espaço na mídia para um planeta em transformação**. São Paulo: Globo, 2005.

VILAR, Roberto. **Jornalismo Ambiental : Evolução e Perspectivas, Campo Grande, MS, 1997. Disponível em:** < www.agirazul.com.br/artigos/jorental.htm >. Acesso em: 5 Nov. 2008.